

Índice

Prefácio: O Brasil Começa no Douro	7
Breviário do Brasil	25
Outros Textos	
A Viagem — I	147
A Viagem — II	150
A Viagem — III. Recife, sobre o Mar	153
O Caminho de Brennand	156
Quimera e Literatura	160
[Para o «Dia de Cabral»]	165
[Na Estrada de João Pessoa]	174
[No Rio de Janeiro]	176
Porto Seguro — Porto	178
Saudades de Ouro Preto	180
O Abraço do Rio Negro	183
Inverno no Rio — I	185
Inverno no Rio — II	187
Portugal — Brasil. A Memória Pede Meia Sombra	189
São Paulo aos Paulistas	194
Discurso do Brasil	196

Quando se põe o pé no Rio, acode-nos a palavra de Stefan Zweig, *Rio de Janeiro* quando o visitou em 1936: «Vou poder dizer tudo sobre o Rio, sem esquecer demasiado?» Porque tudo é oferecido numa dimensão vastíssima, como se uma Vénus feita de ar, de mar e de terra nos desse as boas-vindas. Pouco mudou, desde essa época. A Avenida Rio Branco tem ainda uma falta de maturidade no estilo, e nota-se uma total falta de preconceito racial. Um carácter infantil e espontâneo, que ama as maneiras de capricho e desafio, como as crianças, é o que se reconhece logo nas pessoas, novos e velhos. Na realidade — e esse carácter, com os costumes mais livres, mais se acentuou decerto —, o erotismo tem uma graça romântica que encobre qualquer agressividade.

Porém, os jornais estão cheios de casos macabros e de proezas a que só a selva dava cobertura. As lendas de Jacob Patacho e do Lampião parecem desaguar nestes cursos de gente afável e que, na tarde deliciosa, vai sentar-se na Praça da Senhora da Paz. O álcool e a droga resumem o que é na natureza passiva do mulato brasileiro a sua descoberta da vingança e do abuso. As leis não coincidem com os crimes, que se descrevem como delírios, para o que contribui a desidratação e uma comida mais pobre em calorias: os sumos e os fiambres. A geração dos *jeans* é subalimentada, aqui e em toda a parte. Parece que se sustentam dos *slogans* das suas camisetas cheias de cores e de triunfais gracejos. E, no entanto, persiste uma robusta classe de gente a quem o calor não perturba e a pobreza não assusta. Não é a alegria que salva o brasileiro, mas essa força her-

cúlea que sobe do chão e o agarra, para que não sucumba. Uma força que é uma espécie de grandiosa tristeza hereditária, notável até quando parecem divertir-se e quando troçam. Não é a nós, europeus, que nos pode ser aberto este paraíso de que só temos uma informação histórica, contaminada pelo poder e alguma forma de fascinação. Nós somos demasiado débeis para este sol, esta claridade tropical, este segredo que resiste às maiores contradições. O brasileiro é um pouco o português do avesso, com uma paixão de pequenos factos que se resolvem devagar e que não precisam da importância que lhes dão os criadores dessa importância. Beber uma cerveja, ver bulir as folhas dos castanheiros na Avenida Elisabeth, perguntar o número duma rua ao porteiro que está ali sentado a ruminar no jogo do bicho ou ao seu compadre que costuma sentar-se na Praça da Paz com modo austero e que sorri delicadamente quando lhe fala um português. Porquê isto, esta sedução do velho ninho onde tantas almas se perderam para ganhar outros mundos? É difícil responder. Os portugueses, como os brasileiros, não gostam de coisas difíceis; chegam à perfeição à custa de apurar o que é fácil. É uma maneira de viver bastante honesta, porque no sentido da glória há sempre algo de vão e predador.

O meu pai foi para o Rio tinha doze anos. Nesse tempo era a cidade de Machado de Assis, os homens usavam fatos de seda crua e frequentavam os casinos. Meu pai viveu com aparato e grandeza, tinha punhos de oiro, ratinhos de oiro pousados num brilhante. Também tinha um alfinete de gravata que era um homenzinho aleijado e a corcunda dele era outro brilhante. Depois perdeu-o e disse que nunca mais teve sorte. Era um homem valente, com ar de boa pessoa. Ninguém diria como ele era destemido e sem medo de nada neste mundo. Mas acreditava no candomblé, não falava muito nisso. A primeira vez que fui ao candomblé achei-me numa sala com mulheres novas vestidas de branco e que conduziam os visitantes à pitonisa, que era uma senhora empregada dos correios. Tinha sido muito bonita, bonita mesmo, e lembrava-se disso com uma melancolia que lhe dava para profetizar. Não adiantou muito quanto ao meu futuro. Eu disse:

— Quanto ao meu futuro?

— Ah, sim, estou a ver... Há gente que lhe quer mal.

- Que gente?
- Uma vizinha.

Eu não tenho vizinhos. Há uma mulher que fala mal como o diabo e que saía com duas ovelhas supostamente brancas, e falava mal dentro e fora de casa. «Seu este, seu aquele...» Eram os filhos. Também havia um cão que tomava café e que parecia muito senhor de si, indiferente aos insultos. Sabia que não era com ele. Reparo que no Rio não se dizem palavrões, há uma cortesia que se pode comparar ao pudor ou à imitação da corte. Todas as cidades em que a corte existiu desenvolvem no povo esse preconceito amistoso que tem muito de diplomacia. Stefan Zweig, que vinha da mais preconceituosa das cidades, Viena de Áustria, decerto se achou agradavelmente recebido no Rio e sobretudo no Copacabana Palace, que, nesse tempo, era um hotel moderno, feito para receber os europeus de grande magnificência. Ao Palace com vista para o mar acrescentou-se depois uma série de *suites* igualmente grandiosas, mas que têm um ar mais secreto, de alta espionagem. Peter Lorre podia arrastar ali um pé manco, que lhe marcava a presença discreta e facinorosa; e Ingrid Bergman também não ficava mal cruzando-se nos elevadores com os *gigolos* de ingénua afabilidade, açucarados e fora de moda.

A piscina do Palace é o mais doméstica que pode ser, com os pais separados que dão aos filhos umas férias obsequiosas; e com os suíços que o sol transforma em assados algo repelentes e que, ao lado das velhas esposas cheias de autoridade conjugal, se limitam a aborrecer-se confortavelmente. Uma jovem gorda e sadia mergulha de minuto a minuto e preenche a manhã com esse exercício de carbonização; está tão escura que parece ter perdido a identidade. Se falassem, todas essas pessoas que gozam o solário, e pedem bebidas frescas, que teriam a dizer? Repetiam as palavras dos noticiários e pouco mais. Mais afortunados são os homens de negócios com a secretária de estilo filial, que se mostram satisfeitos tanto quanto o pode estar a meia-idade com a gratidão duma jovem e que, eles bem o sabem, é o que mais se parece ao amor.

O Rio não é o que se costuma chamar hoje uma cidade lunar, uma paisagem lunar. Está carregado de suspeitas, as pessoas entendem que lhes pode acontecer de repente algo de terrível; se não pensas-

sem assim, sentiam-se frustradas e vagamente diminuídas nos seus direitos com a aventura. A verdade é que o Rio, com a abundância de mestiços, que têm um procedimento de submundo — não de submundo moral, mas social —, que são imediatos a julgar as coisas e a vingar-se delas, é uma cidade perigosa para quem a frequenta, mas sempre com espírito de rejeição. Diferente do negro, o mulato é, não raro, muito inteligente e dotado duma condição romântica que abrange tanto a crueldade como a dignidade do insubmisso. A delinquência pode ser para ele uma simples forma de acção, um refúgio das suas inaptações.

O racismo é um estado de alma; encobre decisões que foram objectivos conseguidos na infância, como o amor duma mãe geniosa e que cultivou no filho o triunfo fácil, nos jogos, nos estudos, no convívio com os outros. Quanto mais a experiência da infância foi atrasada pela dúvida em nós próprios, mais se julgam as pessoas como algo de que não podemos dispor inteiramente. Os portugueses foram negreiros como foram comerciantes; não desprezavam o homem, só o exploravam. E, depois, há um erotismo das situações que prevalece acima do cálculo. É isto que ainda hoje faz a praxe, na sociedade brasileira.

O Brasil actual, se não é planificado porque as suas proporções gigantescas não o permitem, é, pelo menos, seduzido pelo consumismo; o que o estado de inflação violenta provoca ainda mais. Para o turista, o que conta é o folclore, muitas vezes degradado e reduzido à sensibilidade cosmopolita; os vestígios nobres da presença colonial vão-se apagando, e alguns, em breve tempo, serão irrecuperável ruína. Os novos estão empenhados em crescer depressa, tanto mais que crescer implica ingratidão e esquecimento. Não é um mal, é uma fatalidade. Tirar energias da aversão ao passado é coisa que se repete no curso das civilizações.

No entanto, é muito bela a memória do nosso continente no Brasil. Há duas nostalgias que prevalecem: o índio da maloca e o negro da senzala. Um erotismo que se enlaça nessas relações submissão-agressão deixa vestígios até na população citadina. O Rio, ainda que muito desconsiderado pela existência das favelas nos seus morros que se queriam reservados para uma arquitectura urbana de grande efeito e de maior lucro ainda, o Rio tira desse facto a sua

forma de peleja. «Quando eu travo uma peleja meu canto corre constante», diz um dos poetas do Brasil. É desse recontro de favela e Rio Branco que se levanta o ritual da imaginação. A favela tem tudo o que o mundo acolhe ou despreza; e sem o que se despreza não há mundo nem gente que o fabrique e ame. Tem até, em dose imensa, o sentido da comparação, que é o que faz o melhor da linguagem dos povos. Tem Itamaratis feitos de lata e Capitólios de cartão; tem esperança e riquezas que cabem num chinelo; o que não tem é solidão, o vício ou o prazer de dominar feitiços e azares seguiram essa espertina do primeiro homem, que foi, com certeza, a sua solidão.

Uma vez cheguei ao Rio no dia da morte do presidente Tancredo. Fez-se um feriado em que o luto era decente gosto de estar desocupado, sem grandes vozes, sem corridas. Tudo calmo, uma tarde na Tijuca, uma cerveja na cervejaria, um jantar no rodízio, e as crianças saciadas a correr em volta das mesas. O carioca, em cujo sotaque se descobre a pronúncia do português nortenho, estava a respeitar o seu feriado sem deixar perder a ocasião de o valorizar com o prazer que o ócio pode dar. Foi a primeira vez que subi ao Corcovado, era um dia esplêndido, límpido; o azul das águas parecia irreal, a cidade parecia irreal. Dava a impressão de que existia já numa *maquette* gigantesca antes de se tornar lugar de tráfico e de corte. A corte, de resto, está ainda presente. Há um trato nas pessoas que condiz com a memória duma etiqueta; é ainda um sentido de comparação que actua nos vendedores que, à porta do Scala, oferecem casaquinhos de lantejoulas. Oferecem como quem dá e não como quem propõe a compra. Há uma elegância natural no vendedor da rua; não pedincha, não tem a veemência do oriental, que é, de certo modo, um predador que argumenta. O carioca mostra o artigo, desinteressa-se logo do negócio, parece que experimenta apenas o nosso grau de cobiça. A menina que vende fósforos do lado de fora da janela do restaurante, em Ipanema, está apenas a distrair-se, acha-nos maçadores se não lhe compramos nada. Não está alarmada se não faz dinheiro, é em tudo diferente da menina dos fósforos de Andersen. A neve não vai cobri-la, ela não pode morrer de frio e a sua *t-shirt* tem estampados os mais belos frutos e gloriosas palavras que convidam ao optimismo. A nossa filosofia não a atinge porque não

precisa de filosofia: só de um pouco de tempo para crescer e ter a sua história que se não destina aos arquivos da cidade nem a ser citada nas sessões da Academia. É uma espécie de bênção não se ser provocado pelo sucesso. A menina de Ipanema não o é.

Mas voltaremos ao Rio, onde nos esperam novos percursos nesse pensamento com sono de criança que o Brasil inteiro nos oferece.

Viajamos ao escurecer, os aeródromos estão cheios de gente que planeou férias e mudanças. Os voos da noite são mais populares, porque mais baratos, e há nas cabinas uma curiosidade mais viva pelo que chega e pelo que parte. Não se perde um movimento do recém-chegado, da maneira como arruma as bagagens e trata dos filhos. O brasileiro é desvelado com os filhos, tem uma paciência deliciosa para os atender; parece não se irritar nunca, como o europeu, a quem as crianças aborrecem desde que nascem e que carregam uma hereditariedade de objecto económico, como ganha-pão ou transmissor da fortuna. A criança tropical é uma bênção que às vezes as condições de vida desviam da sua perfeita integração no meio familiar. Abortar é ainda repugnante para o homem da casa, que tem o filho como sua obra e responsabilidade. Como o sistema é implacável, as famílias numerosas são marcadas por essa expressão trágica do homem insuficiente para governar os seus direitos.

Recife

Em Recife tudo muda e tudo flui. É uma cidade que eu visito, digamos que com regularidade. Há lá muita gente do Norte, o que a distingue duma terra de emigrantes. São, em geral, proprietários e negociantes, radicados há muito tempo na cidade e seus arredores. Um dos poucos engenhos em funcionamento é dum português; e os grandes senhores de engenho eram portugueses, relacionados com a diáspora que a Inquisição comandou não sabendo que exauria Portugal da mão experiente e do cérebro cultivado.

Recife distingue-se ainda hoje das restantes cidades do Brasil por uma certa incompatibilidade com o forasteiro e um espírito de clã muito acentuado. As pessoas são ligeiramente agressivas (os portugueses e também alguns brasileiros de carreira que a política subcreve) e têm um tom de independência que roça pelo desdém. Enquanto o prefeito fala, num jantar de homenagem ao grupo vindo de Portugal, não há silêncio, e alguns jovens, de pé em frente da mesa